

RETR: PIACAVAL RV: TONICA;09/09,19:36

EXPEDIÇÃO DEMENE - RETRANCA "PIAJAVA" - GABRIEL NOGUEIRA PARA AMB-AE-FOTOS-TODAS AS COPIAS PARA TONICA.

BARCELOS (AM) - O trabalho semi-escravo persiste na região de Barcelos, no médio Rio Negro, a cerca de 25 horas de barco a partir de Manaus (391 quilômetros em linha reta), entre a população que se dedica à extração da piaçava (Leopoldina piassaba), fibra usada na confecção de vassouras e cordas para navios. Nos igarapés desse município de 89.572 quilômetros quadrados de área, primeira capital do Amazonas, há extrativistas que são impedidos de ir à cidade pelos "patrões", que intermediam a venda do produto, denuncia a Irmã Rosa Galdino da Cunha, da Missão Salesiana.

"Esse é um sistema econômico de escambo onde o patrão troca o trabalho pela comida. Um dos ingredientes dessa operação é a cachaça, muito apreciada pelos nativos. Eles não controlam a contabilidade e não têm acesso aos preços reais de venda e compra dos produtos", relata Renato Cabral, coordenador da pesquisa sócio-econômica do Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA-Embrapa).

Numa iniciativa da Agência Estado, o NMA e a Universidade Paulista (Unip/Objetivo) estão desenvolvendo um projeto de zoneamento econômico-ecológico da região do Rio Demene, praticamente inexplorada pelo homem. O objetivo do projeto é demonstrar que o desenvolvimento da Amazônia pode ser feito com baixo impacto ambiental. Barcelos é a última cidade à margem do Rio Negro antes da embocadura do Rio Demene.

Na cidade, 40 patrões comercializam, nos seis meses de produção, cerca de quatro mil toneladas de piaçava, segundo o levantamento feito pelos pesquisadores do NMA. Cada trabalhador tira uma média de cinco toneladas a cada seis meses. Na época da retirada da piaçava em fardos, quando os rios estão cheios, os trabalhadores moram em "tapiris", palafitas de palha, sem paredes, suspensas sobre as águas dos igarapés (afluentes que conduzem água aos rios principais).

Pedro Alves Cardoso perdeu sete dos seus 44 anos no interior de um igarapé até conseguir um saldo positivo e o patrão permitir que saísse. Ele tinha um sítio em Tabocal, última localidade antes da aldeia ianomâni de Ajuricaba, mas foi convencido pelo irmão a ir trabalhar com a piaçava, iludido pela promessa de maiores ganhos. "Não conseguia nem dinheiro para comprar roupa", lembra Pedro. "Muitos se desesperam com a situação e fogem quando percebem que nunca conseguirão inverter a dívida", diz a irmã Rosa. Alguns patrões chegam a somar o ano, por exemplo 1991, nas contas, tal é a submissão dos caboclos, garante irmã Rosa.

Na região não existe o compromisso social de patrão e caboclo; se este fica doente não recebe nada. "É pior que o sistema medieval, onde havia compromisso com o vassalo. No sistema coronelista do Nordeste havia o compromisso social", compara Renato Cabral.

Além de pagar pouco pela fibra (Cr\$ 100 a Cr\$ 120 o quilo), os patrões vendem os produtos a preços duas a três vezes mais altos que na cidade. Nos locais de retirada de fibra, uma lata de leite custa de Cr\$ 1.600 a Cr\$ 4.500; o quilo do café até Cr\$ 4 mil, dependendo da ingenuidade do "piaçabeiro". "Uma vez, um que fugiu depois de 17 anos sem vir à cidade, contou que o patrão cobrava 500 quilos de piaçava por uma garrafa térmica pequena e uma tonelada por um relógio de pulso descartável", conta irmã Rosa.

Viajando ao longo dos rios Demene e Negro no barco "Padre Tiago", esta freira de 62 anos, desde 1958 na região, orienta as comunidades ribeirinhas e dá assistência de saúde. "Alerto contra a escravidão, dramatizando para os caboclos. Os patrões chegam pobres e depois de dois anos já estão ricos", diz a freira aos "piaçabeiros". Em 1976, como represália pela sua atuação, queimaram o outro barco que ela usava.

O trabalho de conscientização da irmã Rosa vem fazendo efeito. Enquanto trabalhadores de uma geração anterior, como a de Pedro Alves, esperavam o passar dos anos para pagar as dívidas, hoje muitos vêm vender a piaçava direto na cidade. Américo Augustinho, 31 anos, diz que o trabalho de tirar as fibras da piaçaveira, limpá-las e depois fazer feixes ("piraiñas") de 20 a 40 quilos é muito duro. "Tem muita cobra enrolada nas árvores", reclama.

"A gente tira a piaçava de dentro do igarapé nas costas e depois de canoa. Na boca do igarapé entrega para o patrão", conta Josué Lacerda, 32 anos, cortando piaçava desde os 11, que ainda faz negócios na base de troca. "Se o cara é bobo, o patrão monta pois paga o que quer", diz José Araújo, 31 anos, que vende na cidade e depois procura entre os comerciantes locais os preços melhores.

O mais próspero "patrão" de Barcelos, o cearense Antônio Alípio Martins da Silveira, diz que compra uma média mensal de 60 toneladas. Admite que vende o produto em Manaus pelo dobro do preço que paga em Barcelos, mas afirma que não explora os piaçabeiros. "O produto vem com muita impureza. É preciso dar um desconto." De dezembro a maio, quando não há escoamento de água suficiente para retirar a piaçava, os trabalhadores ficam cortando a fibra. Quando as águas sobem, é hora de começar tudo outra vez.

BOX- EMPREGOS- RETRANCA PIAJAVA- DE GABRIEL NOGUEIRA, COM FOTOS

BARCELOS (AM) - A extração da fibra da piaçava é uma das atividades que mais empregam em Barcelos. Mas o retorno financeiro só beneficia os patrões. Dos 22 mil habitantes do município (dos quais seis mil moram na cidade), o prefeito Elias Ribeiro Teixeira calcula que cerca de três mil trabalhem nesse setor temporária ou permanentemente. A inexistência de cooperativas e unidades de beneficiamento do produto em Barcelos, no entanto, transfere o lucro para as

indústrias que fabricam vassouras e outros artigos confeccionados com a piaçava, afirma o sociólogo Renato Cabral, do NMA.

Apesar de serem colhidas cerca de quatro mil toneladas de piaçava por ano em Barcelos, os patrões fazem subfaturamento da carga, ao embarcá-la para Manaus, a fim de pagar menos impostos, conforme admitiu um deles à Agência Estado. A prova disso está no anuário estatístico do IBGE, que registra a produção de apenas 562 toneladas de piaçava em 1987 no estado do Amazonas, contra 66.645 toneladas na Bahia, onde a fibra é cultivada em plantações.

O extrativismo da piaçava amazônica só sobrevive devido ao tipo de fibra das árvores que nascem nos igarapés. Enquanto a cultivada tem fibras grossas, pouco flexíveis, as retiradas nos afluentes do Rio Negro são flexíveis: "Na fabricação das vassouras, a fibra dura fica do lado de fora e a nossa, do lado de dentro", explica o "patrão" Antônio Alípio Martins.

"No início, como 'aviado' (representante de um patrão mais poderoso) eles chegam em barquinhos que fazem 'tu-tu-tu-tu'. Depois, ganham mais dinheiro, e vêm em lanchas com motor de 25 HP, que fazem 'vrum-vrum'. Em dois anos, estão ricos com barco de 30 metros", teatraliza a irmã Rosa, nas suas peregrinações pelos igarapés para conscientizar os extrativistas.

O sistema de exploração da mão-de-obra barata não se manteria se cada patrão tivesse de pagar um salário mínimo aos empregados, acredita Renato Cabral. "As fibras sintéticas, plásticas, estão substituindo a piaçava em quase todas as aplicações. Ela funciona aqui porque é desmonetizada, na base da troca. A alternativa seria a organização dos extrativistas".

fim

- o box está redundante c/a matéria
- não diz o que é a piaçava → uma palmeira, gale, pé-erva, a fibra é da folha ou do caule, e é endêmica da área. tem no resto do Brasil? são várias espécies?
- é usada por animais? / frutos? - - -

Piaçava